

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CIED**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

**Janaina da Silva Ferro**

**ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO PELA ÓTICA ESTUDANTIL**

Orientadora: Elvira Simões Barretto

**Maceió - 2017**

## ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO PELA ÓTICA ESTUDANTIL

Janaina da Silva Ferro<sup>1</sup> [naynaferro@hotmail.com](mailto:naynaferro@hotmail.com)

**Resumo:** A construção do gênero está fortemente ligada aos processos de educação que meninos e meninas são obrigados a seguir a partir da determinação do seu sexo biológico, desde seu nascimento, essa imposição está relacionada à criação e desenvolvimento dos conceitos das quais meninos e meninas são obrigados a aprender e reproduzir de tal forma que limita suas atividades desde infantis até a idade adulta. A escola como *lócus* de reprodução dos saberes e conhecimentos acumulados pela sociedade, é o espaço onde acontece a formação social do indivíduo. Investigar os indícios que fundamentam a diferença dos gêneros e o comportamento dos indivíduos relacionado a essa questão é fundamental para compreender a visão e o modo como esses conceitos são lidados pelos componentes dessa trajetória. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Jaramataia, com as turmas de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> séries do Ensino Médio. Foi realizada uma palestra, em seguida aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas para as/os discentes sendo respondidos 78 questionários. Desse modo, o objetivo do estudo é buscar informações sobre a concepção que os estudantes têm sobre a temática gênero.

**Palavras-chave:** Gênero. Educação. Heteronormatividade. Preconceito.

**Abstract:** The construction of gender is strongly linked to educational processes that boys and girls are required to follow from the determination of their biological sex from birth, that charge is related to the creation and development of the concepts of which boys and girls are forced to learn and play in a way that limits their activities from childhood to adulthood. The school as a place of reproduction of knowledge and expertise accumulated by the company, is the space where is the social formation of the individual. Investigate the evidence underlying the difference of genres and the behavior of individuals related to this question is fundamental to understand the vision and how these concepts are handled by the components of this trajectory. The research was conducted at the State School of Jaramataia with the courses of 1st, 2nd and 3rd grades of high school. a lecture, then received a questionnaire with open and closed questions for / the students were answered 78 questionnaires was conducted. Thus the objective of the study is to seek information on the design that the students have about the theme gender.

**Keywords:** Gender. Education. Heteronormativity. Preconception.

---

<sup>1</sup> Bióloga, Mestre em Agricultura e Ambiente- UFAL. Discente da Especialização Gênero e Diversidade na Escola, Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Santana do Ipanema.

## Introdução

O gênero é o elemento constitutivo das relações sociais, compreender o seu significado requer uma profunda investigação do processo de formação sociocultural historicamente produzido pela sociedade.

As interações entre classe social e relações de gênero são pressupostos que influenciam substancialmente a vida de cada indivíduo, delineando possibilidades e muitas vezes limitações. A partir de estudos feministas, são evidenciadas as dicotomias existentes entre as relações de gênero, que legitimam e neutralizam ações de exclusão e opressão que historicamente as mulheres são submetidas. (YÉPEZ; PINHEIRO, 2005).

O feminino e o masculino são construídos, interpretados e internalizados, portanto personalizados, dependendo das características específicas da sociedade em que homens e mulheres vivem, do ciclo de suas vidas e de suas vivências subjetivas como homens e mulheres que pertencem a uma raça, etnia e classe social determinadas (DUQUE, 1997).

A construção do gênero está fortemente ligada aos processos de educação que meninos e meninas são obrigados a seguir a partir da determinação do seu sexo biológico, desde seu nascimento, essa imposição está relacionada à criação e desenvolvimento dos conceitos das quais meninos e meninas são obrigados a aprender e reproduzir de tal forma que limita suas atividades desde infantis até a idade adulta, como brincadeiras de meninos: futebol, carrinho. Diferente das meninas, brincadeiras de bonecas, de casinhas. Todos esses conceitos culturais permeiam fortemente na ideologia do indivíduo, da qual se torna muitas vezes precursor do preconceito e das formas de violência a quais são lançados quando esses se deparam com as diferenças (VIANNA; FINCO, 2009).

A escola como *lócus* de reprodução dos saberes e conhecimentos acumulados pela sociedade, é o espaço onde acontece a formação social do indivíduo. Essa educação é por vezes, composta das doutrinas e conceitos historicamente produzidos, assim suas práticas associam-se a regras estabelecidas ao longo do processo de formação da sociedade (JESUS, 2012).

Uma educação ligada a padrões sexistas trás por vezes resultados diversos, indo desde sofrimento pessoal motivado pela não aceitação das diferenças individuais até o fracasso escolar. Diversos autores apontam as relações de gênero um motivo forte para o fracasso e o

sucesso escolar, especificamente quando se trata de meninos, ocasionando a evasão e repetência no Ensino Básico no sistema educacional brasileiro (ALVES e SOARES, 2001; CARVALHO, 2001; MEYER, 2003; SILVA, BARROS, HALPERN e SILVA, 1999; UNBEHAUM e VIANNA, 2004).

Discussões sobre a questão de gênero na escola tornaram-se pertinentes nos últimos tempos. A sociedade composta de todo seu aparato cultural, demonstra a necessidade de discutir essas questões. Investigar os indícios que fundamentam a diferença dos gêneros e o comportamento dos indivíduos relacionado a essa questão é fundamental para compreender a visão e o modo como esses conceitos são lidados pelos componentes dessa trajetória, nesse caso, os alunos, isso possibilita compreender como os estudantes vivem as concepções de gênero em seu cotidiano. Desse modo, o objetivo do estudo é buscar informações sobre a concepção que os estudantes evidenciam sobre a temática gênero.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Jaramataia, localizada na Avenida Prefeito Olavo Barbosa, 257, Centro, Jaramataia-AL, no dia 22 de fevereiro do ano de 2016, durante o turno vespertino da referida escola, com as turmas de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> séries do Ensino Médio. As séries e turnos para realização do projeto de intervenção foi indicação da direção e da coordenação pedagógica da escola por compreenderem que existe um maior número de discentes e por estes virem dos mais distintos endereços da zona rural e urbana, expressando uma maior diversidade de indivíduos e de histórias de vida. Foi realizada uma palestra que abordava a temática gênero a partir da sistematização de conceitos historicamente construídos, das relações de poder que se expressam cotidianamente nos diversos ambientes sociais, e das desigualdades entre homens e mulheres no âmbito privado e público. Em seguida, foi aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas para as/os discentes, nesse sentido, foram respondidos 78 questionários, dos quais 22 foram da turma de primeira série, 30 da turma de segunda série e 26 da turma de terceira série.

### **Desenvolvimento e demonstração dos resultados:**

Os conceitos sobre a conduta e o espaço social de homens e mulheres são influenciados diretamente pela cultura, a sociedade historicamente reproduz atos e esses estão relacionados com as relações de poder do sexo masculino sobre o feminino, desde resquícios históricos que formaram a sociedade. Nesse sentido Scott (1995) afirma que “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os

sexos e também um modo primordial de dar significado às relações de poder”. Desse modo o gênero não se consolida somente como a única versão das relações de poder, mas se sobrepõe as demais formas tornando-se persistente e recorrente, quando suas práticas são reproduzidas.

Louro (2000, 2003) e Souza (2005) apontam que entender as relações de poder que constitui a criação das identidades de gênero requer compreender experiências pessoais, a sua análise está intrinsecamente ligada à formação do indivíduo como ser social desde o seu nascimento, nas relações entre crianças e adultos e adolescentes, assim como os objetos culturais que permeiam o mesmo ambiente.

As identidades de gêneros são instituídas a partir de modelos de normalidades que são adotados por diversos grupos sociais. Como já apresentado, na nossa cultura o símbolo da representação da classe dominante é o indivíduo de sexo masculino, de cor branca, jovem, heterossexual, e cristão (BRITZMAN, 1996; FELIPE e GUIZZO, 2004; MEYER e SOARES, 2004; LOURO, 2003; RAGO, 2003; JUNQUEIRA, 2008; SILVA, 2004). Assim a heteronormatividade ganha forma e legitimidade para justificar as diferenças e desigualdades entre os gêneros.

Analisando o ambiente escolar e as concepções de gênero, observa-se que a escola não se configura como neutra, longe disso, as práticas exercidas neste ambiente proporcionam a reprodução dos valores normativos e sexualistas. A escola não apenas reflete as concepções de gênero que circulam na sociedade, mas ela própria às produz. Isto pode ser facilmente identificado através de situações que fazem parte das rotinas e passam despercebidas, como no caso das filas para meninos e filas para meninas, da designação de brinquedos para um e para outro, por meio de falas como: “Comporte-se, você é uma mocinha” ou “Nem parece um homenzinho chorando desse jeito” (VINHOLES, 2012). Partindo desse pressuposto, as crianças são condicionadas a modelos de homens e mulheres, classistas, racistas, e sexualistas.

### **Preconceito**

Reportando-se as concepções de jovens estudantes sobre as questões de gênero e a vivência no ambiente escolar, participaram do estudo 78 alunos do Ensino Médio, 42 mulheres e 36 homens.

Questionados sobre possíveis atos de preconceito, 43,5% afirmaram ter sofrido algum tipo de preconceito, 24,3% destes disseram que aconteceu no ambiente escolar, e 19,2% em espaços públicos que intitularam rua (tabela 1). Os preconceitos sofridos e reconhecidos são referentes à cor da pele (negros) e a aparência física (alto, baixo, gordo e magro).

Tabela 1- Já sofreu algum tipo de preconceito

Sim	43,2%
Ambiente escolar	24,3%
Locais públicos	19,2%

Dados da pesquisa, 2016.

Nesse contexto, a escola que tem como função a educação do indivíduo, não está imune aos preceitos que se encontra arraigado na cultura dos indivíduos que ali convivem. Autores como Munanga (2005) têm investigados as relações entre os sujeitos dia- a- dia no ambiente escolar, e buscado entender maneiras de amenizar as práticas preconceituosas existentes entre indivíduos com diferenças religiosas, socioculturais, sexuais, físicas, e étnicas, e assim amenizar as formas de preconceito que a sociedade tem exposto, machucando, e prejudicando a formação do sujeito.

A escola que é considerada como o pilar para construção da identidade do sujeito, também pode influenciar a desvalorização do indivíduo, desvalorizando, principalmente as crianças de cor negra. (NASCIMENTO, 2010).

Devido às agressões físicas e simbólicas que são ocasionadas pelo preconceito, seja na rua ou no espaço educativo, o sujeito quando em formação passa a negligenciar a sua origem e assume uma postura de “embranquecimento”, essa ideologia que é disseminada tanto pela sociedade quanto pelo espaço escolar tem posto como ideal (branco, alto, forte, olhos claros, cabelos lisos, entre outros). Dessa forma é reproduzido o padrão hegemônico, e nesse sentido cria estereótipos com o indivíduo diferente, e assim identifica-o como incapaz (NASCIMENTO, 2010).

## **Violência**

Investigando a concepção dos alunos sobre qual sujeito sofre mais violência no ambiente escolar, 7,7% responderam que homens sofrem mais violência, 24,3% afirmaram ser

a mulher vítima, e 64,1% declararam que os homossexuais estão mais vulneráveis a esse fato. Esses índices não se distinguem dos estudos sobre o preconceito que vitimiza mais homossexuais e mulheres, dessa forma, identifica-se que na concepção destes jovens esses sujeitos são mais vulneráveis a violência e ao preconceito, isso pode ser relacionado ao fato de residir os conceitos sexistas e heteronormativos arraigados na cultura desses estudantes, de maneira que para eles o sexo masculino se sobrepõe a outras categorias de gênero.

Esses dados corroboram com os dados das narrativas de adolescentes obtidos através do trabalho de Bordini e Sperb (2012) que ao questioná-los sobre o tema homossexualismo, esse tema aparece nos discursos mais masculinos do que nos femininos, esses fizeram relatos de situações de preconceito a homossexuais e transexuais, incluindo a associação desses a bizarrice e a anormalidade.

Louro (1998) afirma que homens desde o nascimento estão sujeitos a seguir comportamentos, de acordo com sua cultura que determina a conduta e os sentimentos apropriados para homens e mulheres. Geralmente, essas relações estão na concepção do homem como figura de detenção do poder e da figura da mulher como subalterna, aqueles que não atendem a esses papéis definidos pela sociedade estão expostos a rejeição.

Essa rejeição muitas vezes, é percussora da violência simbólica, a qual esses grupos “dominados”, ou seja, mulheres e gays estão sujeitos a sofrer pelas relações de poder que inserem na ótica sexista dos dominadores. A raiz da violência simbólica encontra-se, deste modo, presente nos símbolos e signos culturais, especialmente no reconhecimento legítimo e implícito da autoridade exercida por certos grupos sociais (BORBA; RUSSO, 2011).

### **Diferenças entre os gêneros**

No que se refere às funções, posições, atividades e comportamento de homens e de mulheres segundo as/os discentes questionados caracterizaram que: a política, o trabalho pesado, os cursos universitários como matemática, engenharias, a bagunça, a rudeza, a falta de atenção, ser emocionalmente forte, fazer o que quiser são referências masculinas, cabe à mulher as tarefas domésticas, estudar pedagogia, ter um bom comportamento, boas maneiras, ser delicada, evitar dar opiniões sobre assuntos polêmicos.

Esses resultados indicam as relações de gênero que dinamicamente, permeiam todo o aparato social, manifestando-se em todos os grupos sociais, de diferentes formas, no entanto predominando a hierarquização do masculino sobre o feminino.

Bordini e Sperb (2012) demonstram em seu trabalho a concepção dos adolescentes sobre as diferenças entre homens e mulheres, estes afirmam que ao homem está associado às características de força física, resistência a dor e a coragem, as mulheres está atrelado a vaidade e cuidados com o próprio corpo.

Yépez e Pinheiro (2005) em uma pesquisa sobre a socialização de gênero e adolescência, também apontam as concepções de estereótipos sexistas nos adolescentes, quando proporcionando uma oficina com colagens a esses adolescentes, é observada a representação que esses fazem a “coisas de homens”, está associada, geralmente, á força física e/ou violência, assim como á atividade sexual. Entre “coisas de mulher”, destacam-se a condição de objeto sexual e de exibição, bem como as atividades com a maternidade e o cuidado com os filhos.

Essas fixações de quanto ao ser homem e ser mulher limitam o espectro de significados de possíveis masculinidade e feminilidade, promovendo a dominância de alguns deles (SCOTT, 1995).

### **Considerações Finais**

As concepções dos jovens sobre o tema gênero estão ardentemente ligada ás concepções sexistas, que culturalmente são vivenciados e reproduzidos pela sociedade, não sendo diferente são encontrados tais padrões patriarcais no ambiente escolar, tendo em vista que a escola é o espaço de convivência e reprodução dos saberes formais e culturais presentes nesses estudantes, assim é possível identificar o fundamento das relações de domínio do sexo masculino sobre o feminino e a possível vulnerabilidade que homossexuais estão a violência, discriminação e preconceito.

## Referências

ALVES, F. E.; Soares, V. S. “Meninos e meninas: universos diferenciados na família e na escola”. In: Fagundes, T. C. P. C. F. (org.). Ensaio sobre gênero e educação. Salvador, UFBA, 1996. pp. 115-128.

BORDINI, Gabriela; SPERB, Tania. Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes. *Psicologia: reflexão e crítica*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol.4, 2012. pp. 738-436.

BORBA, Joyce; RUSSO, Maria. Contradições na escola: a violência no lugar do desenvolvimento humano. *Revista Múltiplas Leituras*, v. 4, 2, 2011, p. 1-2 ISSN 1982-8993 25.

BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*. Rio Grande do Sul, Cidade, vol. 21, n. 1, 1996. pp. 71-96.

CARVALHO, M. P. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 9, n. 2, 2001. pp. 554-574.

DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. “O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza”. In: MADEIRA, Felícia Reicher (Org.). Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 343-402.

FELIPE, J., GUIZZO, B. S. “Entre batons, esmaltes e fantasias”. In: Meyer, D.; Soares, R. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre, Mediação. 2004 pp. 31-40.

JESUS, Railda. Revisando concepções: as interfaces entre gênero, sexualidade e a escola. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.20/21, n.1/2, p. 48-66, jan.-dez. 2011/2012.

JUNQUEIRA, R. J. “Corpos, Gêneros e Sexualidades na escola: por uma educação promotora do reconhecimento da diversidade sexual e de gênero”. In: Ribeiro, P.R.C. et al. (orgs.). *Educação e Sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia*. 2. ed. Rio Grande, FURG, 2008. pp. 12-26.

YÉPEZ, Martha; PINHEIRO, Verônica. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MEYER, D. E.; Soares, R. F. R. “Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão”. In: Meyer, D. E. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre, Mediação, 2004. pp. 5-6.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Antonia. *Educação e preconceito racial no Brasil: discriminação no ambiente escolar*. 2010. ISSN1981-3031

RAGO, M. “Por uma educação libertária: o gênero na nova escola”. In: Barbosa, R. L. L. *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo, UNESP, 2003. pp. 479-490.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Rio Grande do Sul, vol. 20, n. 2, 1995. pp. 71-99.

SILVA, R. A. S. “O ponto fora da curva”. In: Meyer, D.; Soares, R. F. R. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre, Mediação, 2004. pp. 85-94.

SILVA, C. D.; Barros, F.; Halpern, S.; Silva, L. A. D. Meninas bem comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 107, 1999. pp. 207-225.

SOUZA, J. F. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil. 2005. Recuperado em 4/09/2005, de <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/SOUZA.pdf>.

UNBEHAUM, S.; Vianna, C. P. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988 – 2002. *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, vol. 34, n. 121, 2004. pp. 53-65.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos pagu* (33), julho-dezembro de 2009:265-283.

VINHOLES, Aline. Gênero e identidade: reflexões sobre o contexto escolar. *Seminário de Pesquisa em Educação da região Sul*. 2012